

# A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI

REDACTOR PRINCIPAL—B. J. Senna Freitas, e collaboradores—Pinho Leal—Moreira Bello—D.º Ozorio Guimarães—Augusto Semblano—Garrido e J. T.

1.º ANNO

Assignatura:—Por 3 mezes 300 reis, semestre 600 reis, anno 1200 reis. Anuncios, linha 40 reis, correspondencias, linha 40 reis. Sendo remetida a folha pelo correio, anno 12500 rs., semestre 750 rs.—avulso 40 reis. Toda a correspondencia será dirigida á administração, franca de porte, rua de D. Frei Caetano Brandão N.º 18, João F. Torres.

NUMERO 40

BRAGA

SABBADO 28 DE OUTUBRO DE 1882

## LIBERDADE E MIGUELISMO

II

Temos deante dos olhos um esplendido artigo publicado pelo nosso collega do *Constituinte* em continuação d'aquelle a que respondemos em nosso ultimo numero, e que tambem, como o anterior, tem a epigraphe *Liberdade e miguelismo*. —

Quando dizemos *esplendido* accentuamos a palavra. Esplendido na forma e na essencia. A par do seu valor litterario, o valor de grandes verdades que encerra. É a penna brilhante do homem de letras acompanhando a consciencia do homem leal.

Felicitemos o collega, com quanto entre os primores do seu artigo haja algum joio, que facilmente podemos limpar, para que elle fique o que deve ser: a palavra sã da verdade soberana.

É o que vamos fazer. — Diz o collega que *uma das causas mais poderosas para o incremento do miguelismo no Minho, é a indole religiosa supersticiosa e fanatica dos povos d'esta provincia.*

Esta affirmativa do collega podia transformar a verdade, por que não é em absoluto o que parece. Se o collega confundisse superstição e fanatismo com religião, então bastaria dizer que o povo do Minho é miguelista por que é religioso. Como distingue, devemos entender que a superstição e o fanatismo, com respeito ao miguelismo é o predomínio do preconceito e de uma cegueira, que entre os povos civilizados não tem razão de ser.

Estamos habituados a ouvir chamar supersticiosos e fanaticos a todos os catholicos puros. Neste sentido o povo do Minho é o que lhe chama o collega. Não é catholico a liberal, é catholico a miguelista, é o como a Igreja, e não catholico segundo os catholicos que querem ser catholicos com certas restricções, que melhor se quadunam com os seus principios politicos.

A estes porem não chamamos catholicos, chamamos liberaes da revolução.

Supersticiosos e fanaticos na sua accepção restricta nem em politica se pode admitir que o sejam os povos do Minho; e muito mais quando o collega diz:

«Foi no Minho onde o sr. D. Miguel I logrou captar mais largas e duradouras sympathias; a sua permanencia n'esta cidade durante alguns mezes, a vida bastante popular que n'ella passou, a sua idade, e a sua organização vigorosa e propensa para todas as distracções mais ou menos ruidosas, não podiam deixar de impressionar notavelmente o espirito d'um povo ao mesmo tempo docil, pacifico e francamente alegre.»

Em vista d'isto, é evidente que existio uma sympathia, que foi a origem da dedicação com que o povo do Minho amou o seu rei, e ama ainda a sua memoria. A um povo docil, pacifico e francamente alegre não podiam impressionar sympathicamente as barbaridades e crimes que a calúmia liberal attribue ao sr. D. Miguel I. Elle viveu *alguns mezes* uma vida bastante popular. Foi nessa vida que o povo mais de perto o conheceu, e por que o conheceu, melhor sabe o que ama e por que o ama. Nem aqui ha um falço culto, porque existe a voz da consciencia e o poder de alegres reminiscencias, que não tem podido obliterar-se em 48 annos de liberdade liberal.

Se a isto se refere o collega alcunhando de fanatico e supersticioso o povo do Minho, nós não podemos deixar de ver n'esta classificação injusta e contradictoria um grão de joio a limpar.

N'outro sitio diz o collega:—«para o

povo do Minho hoje é indifferente e ainda mal que assim é, que no throno portuguez esteja sentado o sr. D. Luiz I ou o filho do sr. D. Miguel.»

Mas o collega ainda não disse, para equiparar o indifferente do povo do Minho, que o sr. D. Luiz nem a sr.ª D. Maria da Gloria lograram como o sr. D. Miguel, *captar mais largos e duradouras sympathias.*

O collega ainda não disse como pode existir uma causa de fanatismo alleada á sua consequencia de indifferente. — Um povo fanatico e supersticioso, que se torna indifferente só por passar dois periodos do *Constituinte* seria um povo bem versatil!

Parece-nos pois que o indifferente do povo do Minho é outro grãozinho de joio.

O collega attribue á educação da nova geração miguelista a força actual do partido legitimista. Mas collega os liberaes que desilludidos e desgostosos pelas loucuras e crimes dos governos, liberaes, que tem vindo engrossar e fortalecer as nossas fileiras, tambem receberam a educação miguelista?

E diz o collega:

«A desgraça assim como apura sentimentos, que parecem apagados no coração humano, assim tambem acende a luz que illumina e guia o espirito na conquista d'uma aspiração.»

E foi precisamente na escola da desgraça que o partido miguelista aprendeu a fortalecer-se.»

Então aonde está o fanatismo, onde está a educação miguelista que traz origem, segundo diz o collega, dos conventos dos frades e feiras, se o *Constituinte* confessa que a desgraça foi que insinou o partido miguelista a fortalecer-se? Foi a desgraça, ou foi a educação freiratica? Se foi a desgraça que deu luz, luz que illumina o espirito da mocidade legitimista, como é que o fanatismo e a superstição, que são o inverso da luz, que são as maiores trevas do entendimento e da razão, podem ser causa das tentativas do partido legitimista?

Aqui tambem ha joio collega, pois não ha? Tambem o collega diz que o partido miguelista não tem perdido occasião de affirmar a sua existencia, de *exagerar* a sua importancia e de muitas vezes se aliar com os governos em troca de favores immediatos, ou com as opposições em paga de promessas geralmente cumpridas.

Aqui não ha joio, collega, ha um grande pedregulho, que vem pesar sobre a honra do partido legitimista, e que forçoso é sacudir.

Diz isto o collega quando sabe que desde que foi firmado o primeiro pacto politico, feito entre legitimistas e liberaes em 26 de Maio de 1834, ainda se não conheceu onde exista a fé liberal nos seus pactos comnosco?

Pois um partido que indignamente rasga á face do paiz e das nações da Europa uma convenção sacratissima, tem por ventura o direito de empenhar a sua palavra politica em novos pactos?

Quando e quem foi que firmou taes pacto? Quando e que promessas cumprio com o partido legitimista o partido liberal?

Quando foi que o partido legitimista exagerou a sua importancia para solicitar ou para exigir favores aos governos liberaes? O collega aqui fantasiou historia.

Refere-se o collega talvez ao unico facto em que o partido legitimista teve a attenção de um governo liberal, quando em 1870 a dictadura decretou que fosse dada uma misera migalha de pão aos officiaes da Convenção d'Evora Monte.

Já confessamos ao *Constituinte* que o partido legitimista não esqueceu as boas intenções que reconheceu a tal respeito no governo da dictadura.

N'esta occasião porem não houve pacto algum politico, houve apenas a nossa dili-

gencia pessoal e incondicional. Fomos nós quem individualmente, na imprensa e no gabinete do governo, sollicitamos aquelle acto de justiça, que o Duque de Saldanha, levado pela sua dupla qualidade de militar e de homem de honra, praticou com dessassombro.

Pois apesar de aquelle acto justo ser uma divida de honra do partido liberal, apesar de ser um acto humanitario, apesar de ser um facto sancionado pela mão do chefe do Estado, foi rasgado e calcado a pés aquelle decreto pela *generosidade e pela fé* do partido liberal!

Esta vergonha, por lealdade o dizemos, não está á conta do collega, e d'isto lhe damos os parabens.

Relevamos ao collega esta inexactidão, da qual o collega sufficientemente se penitencia nos primorosos periodos que por sua gloria transcrevemos aqui.

Eil-os: «Não podemos accusar o partido legitimista: usa d'um direito; julga-se proscripto, procura o resgate. Sobre a familia liberal é que pesam graves e tremendas responsabilidades.»

A epoca que estamos atravessando é simultaneamente egoista e dessoluta.

As paixões mais baixas e menos honestas dominam os governantes, determinam os parlamentos, subjagam a imprensa, trazem enredado o alto funcionalismo, e desmoralizam o povo.

Os partidos politicos são *facciosos, intolerantes e cynicos.*

Sobre as calamidades da patria soltam-se estridentes gargalhadas; sobre as estreitez do thesouro enterram-se as garras insaciaveis da ambição, e faz-se gala publica do esbanjamento do dinheiro do povo.

As multidões desconhecem os fóros sociaes, e escarnecem as virtudes cyvicas.

Sempre avassalladas ou pelo argentario avarento que as esmaga, ou pelos especuladores assallariados que lhes sugam a existencia, as multidões agitam-se, como as selvas se movem impulsadas pelo tufão, sem creanças politicas, *sem fé na liberdade* sem amor pelo progresso, e *sem esperanças na melhoria do futuro.*

Habituaas a verem nas altas regiões da governança publica arvorado em principio de direito, a intriga palaciana ou a trica politica e o que é peor ainda a verem substituida a lei pelo *sophisma*, a justiça pelo facciosismo, o bem publico pelo interesse do corrilho; vendo com espanto e assombro sacrificado o bem geral aos interesses particulares, vendo crescer e medrar pelo *patronato descarado*, e muitas vezes tambem pelo *preço estipulado*, influencias *sem merito*; vendo premiado o transfuga covarde, laureados os traidores, os *salteadores da honra*, os calumniadores convencidos, os falsarios do jornalismo, e os sacrilegos vendilhões da patria... as multidões prevertem-se, e perdem a creança nas instituições e a fé nos homens que as exercem.

Diante d'este quadro infelizmente *fiel e verdadeiro*, o miguelismo seria inepto se não se aproveitasse da *dissolução dos adversarios* para augmentar o numero dos seus sectarios.»

Não nos espanta que o nosso collega do *Constituinte*, querendo a principio fugir do verdadeiro caminho, querendo impôr á voz desfarces que ella recusou, entrasse emfim no campo franco e leal para onde o seu integro caracter o estava chamando.

O que nos espanta é que reconhecendo o *Constituinte* todos os traços da situação, queira ainda restaurar da gangrena esse corpo que já apodrecido e fetido cae a pedaços.

Não póde o collega dar a mão a essa monstruosidade de corrupções e de crimes, sem incorrer em uma complicitade, que parece não se coadunar com o seu espirito, tantas vezes retratado em rasgos eloquentes de patriotismo e probidade politica.

Isto é logico.

III

O *Constituinte* começa o seu terceiro artigo *Liberdade e Miguelismo*, por lançar uma suspeita sobre as intenções do partido legitimista, e acaba por affirmar com a mão sobre o peito, que existe em nós o intuito occulto da implantação do governo absoluto em Portugal.

Se o *Constituinte* escrevesse um periodo mais, diria tambem que nós pretendemos restaurar o santo officio ou pôr sobre nossos altares os idolos pagãos.

Mas com que direito, com que base, com que logica, vem o *Constituinte* atacar o foro intimo da nossa consciencia politica, e denunciar-a como uma monstruosidade? Que factos, que temposos precedentes da vida publica ou particular levam o collega a pôr em duvida a palavra de honra levantada em meio do partido legitimista e do paiz pelo seu augusto Chefe?

Com que bullas se vem a publico pôr em duvida a honra e a sinceridade de um partido, só com a absurda auctoridade de uma affirmativa gratuita?

Quando um partido honrado apresenta o seu programma, existe o dever de lhe reconhecer a intima decisão de o cumprir. Esse programma discute-se, mas não se nega.

Entre homens que se presam (e cremos que o collega não se atreverá a recusar-nos esta qualidade, sob pena de se desanctuar a si proprio) não é costume faltar á fé, nem duvidar da fé alheia sem um precedente que o justifique.

E qual é o precedente que o *Constituinte*, aponta para recusar ao partido legitimista a sinceridade de intenções que elle tem, e ao nosso augusto Chefe a franca e leal inteireza de um caracter impolluto?

O sangue? A educação? O dever? Se é o sangue, era natural que o sr. D. Pedro do Brazil nos tivesse conservado o governo absoluto que era o regimen com que seu augusto Pae governou este paiz, em vez de nos dar a sua *carta de alforria*.

Se é a educação, como quer o *Constituinte* que o Senhor D. Miguel II, educado em paizes mais livres e mais illustrados do que o nosso, venha retrogradar um seculo em Portugal? Como quer que o partido legitimista, que esta geração, que hoje constitue a grande maioria do nosso partido cerre os olhos á luz, e se afaste até das naturaes tendencias da sua idade, quando é certo que nas mãos d'esta juventude esperancosa e cheia de aspirações nobres, a velha guarda da legitimidade entregou a sorte da patria?

O dever tambem não existe nem no partido legitimista nem no Rei legitimo pela restauração de formulas condemnadas pelas actuaes tendencias de uma epoca nova. O dever existe sim pela salvação d'este paiz, que a devassidão dos governos arrastou até á beira de um abysmo do qual seria mais facil á republica afastal-o, do que aos homens que o levaram até ali.

O partido tradicional não é o partido do governo absoluto. É o partido do direito popular, d'esse direito que deu o ser á dynastia de Bragança, a qual queremos pura de todo o sangue estrangeiro. É o direito que tem Portugal de se salvar do poder de intrusos que vieram cavar-lhe a ruina. É o direito que assiste ao povo portuguez de manter a honrosa representação das glorias do nosso passado na fronte coroada dos seus legitimos reis.

Eis porque o partido tradicional é o partido da liberdade, não é o partido do absolutismo. Se os nossos antigos reis por vontade do povo governaram com o absolutismo, por vontade do povo podem os seus descendentes governar com a liberdade. O que elles não podem é governar com a revolução, e visto que o não podem não ha que temer n'elles as hecatombas nem as devassidões que ficaram sendo desde 1789 a divisa da revolução em toda a Europa.

O povo francez, farto de liberdade não

tem medo que o Condé de Chambord restabeleça o governo de Luiz XIV, nem o povo hespanhol fatigado de revoluções se arreceia de que Carlos VII lhe prohiba as toiradas.

Não é de boa fé trazer sempre pendente dos labios a inquisição, as forcas e os cacetes, como um papão que se mostra às crianças para lhes causar pavor.

O povo mesmo, tem consciencia de si, e tem um instinto que pode muito.

E tanto assim é que apesar de todos os horrores do absolutismo, o povo preferia viver com elle a viver com a liberdade que lhe trouxeram as armas estrangeiras. A prova é que quando se estabeleceu este felicissimo systema até se se arrancavam as pedras das calçadas e com ellas o povo recebia a revolução.

É que o povo teve o instinto do que elle viria a ser. Com o proprio absolutismo este povo era livre e com liberdade revolucionaria ficou escravo das tyrantias da corrupção e do vandalismo. O absolutismo foi a sua vontade, a revolução não. O absolutismo era 1640, a revolução era 1793.

Onde a revolução encontrou regosijos foi apenas nos carcereos, onde, se jaziam criminosos politicos, também jaziam muitos bandedeiros. A revolução abriu a todos as portas e banqueteu-se com elles sem distincção.

Ora não era nas apertadas paredes das masmorras que estava a nação portugueza.

Nem para o povo colhem portanto essas calumnias lançadas hypocritamente sobre um partido; nem tem efficacia essas loas cantadas á nação como um hymno d'amor mentido.

O povo diz na sua eloquencia rude—estamos fartos de cantigas.

Se nós insistissemos em dizer ao paiz que o partido constituinte é um partido de pedreiros livres, de disfarçados socialistas, de materialistas puros, que se escondem detraz do programma politico de 1871, como um bando de saltadores pode esconder-se detraz de uma sebe, para mais a proposito atacar a sua presa, que nos diria o collega?

Emprazava certamente a nossa consciencia e a nossa honra, e não haveria nem primores do estylo, nem flores de eloquencia que nos salvassem do fiasco.

## O AMIGO DO POVO

Sob a epigrapha de «Liberdade e miquelismo» lemos o primeiro artigo publicado pelo Amigo do Povo, em seu numero 581.

Visivelmente o collega dirige-se á nossa modesta folha com aquella pericia de quem conhece o teclado jornalístico, e promette-nos a honra de o vermos brilhar na justificação, de quatro interrogações claras e trez occultas.

As claras são: E as victimas do Terror? E a guilhotina da communa? E o punhal da Revolução? E Marat?

As trez occultas serão talvez: E D. Pedro IV? E os Cabraes? E a Regeneração?

Ou serão: E os portuguezes esfolados no Brazil pelo seu primeiro imperador? E a patria ferida, de mão armada, pelos estrangeiros? E a Convenção de Evora-Monte rasgada pelo punhal e conspurcada pela deslealdade?

Não exigimos do Amigo do Povo a resposta a taes interrogações. Preferimos que se não aviventem recordações pungentes de luctuosas epochas, cujas dissensões não devem mais reproduzir-se nem na relembração de fataes lances.

A epocha já não vae para olharmos o passado senão para fugirmos d'elle. A todos occorre a necessidade de nos occuparmos do futuro. Feliz o dia em que a familia portugueza não tiver interrogações a dirigir aos erros que já não serão nossos.

Não interpellamos o collega, chamamol-o para campo mais nobre e menos esteril.

Fallemos pois do futuro, se apraz ao collega fugir de coisas que são mais sombrias ainda do que um carcere inquisitorial.

O Rei fallou!

É certo que o rei fallou, e o seu grito redemptor penetrou como um remorso no coração dos precitos, e a patria responde-lhe em uma aspiração nobre.

Diz o Amigo do Povo que não teve a fortuna de sentir ainda nem o remorso, nem a voz da patria.

Aqui ha uma illação clarissima: ou o collega não pertence ao numero dos precitos, e que muito estimamos, ou se pertence, é impenitente e incorrigivel, o que muito sentimos.

Não ouve o collega a voz da patria nas suas legitimas aspirações?

Então se não ouve, para que se afflige tanto com a palavra do rei, e descobre o Telles Jordão, em ar de palito, escondendo-se entre o buço adolescente de uns inoffensivos seminaristas?

Se a patria está contente com a patuscada liberal, não tem o collega motivo para ligar a mais leve importancia a estes, desventurados sonhadores, que teem a pueril fantasia de se enthusiasmarem com a phosphorecencia do príncipe que, vivendo em Brombach, apparece em Portugal quando lhe dá na vontade, não obstante existir ainda de pé uma lei da tolerancia liberal, que por honra do partido mindelheiro, condemna á morte aquelle príncipe proscripto, apesar de uma Carta Constitucional que não permite perseguições por motivos politicos.

O collega ri por delicia tal e tamanha, que deixa ver entre o seu riso convulsivo o frenesi nervoso de uma intima indignação.

Que satisfação a nossa collega! Já que o não podemos ver contrito, vemol-o contristado. Se o vissemos indifferente teriamos pesar. Amamos os extremos por que se tocam.

Fallou o rei!

É certo, fallou como fallaram outros reis, como fallaram outros chefes de partido, e chefes de revolução, ao iniciarem um movimento politico. Ha porem aqui uma differença digna de que o collega a registre; e é que esses traziam ao povo uma negação para o seduzirem; e este, o nosso rei, apenas repete a voz do povo, no espirito do povo, no interesse do povo, empenhando a sua honra, que o paiz conhece bem, honra portugueza, em garantia do fiel cumprimento do dever de acompanhar a sua patria no caminho da redempção commum.

Não é um revolucionario que se inculca, é um soldado que jura as bandeiras da sua patria. Aliás este povo que é ainda o povo portuguez, diria ao que o illudisse: se não... não!

Se não... não!

Nem sequer isto respondeu este povo ás sempre mentidas promessas das hordas liberaes!

Não! sómente — não —! Foi a resposta que elle deu pela bocca de seus canhões, no grito de seus exercitos, nos gemidos das suas victimas, na agonia dos seus martyres.

Não! repete elle ainda agora aos Amigos do Povo quando ao povo recorrem, com absurda vangloria, em favor d'esta Messalina de 48 annos, que ainda tem a louca pretensão de se atraviar com as garridices dos seus primeiros annos de loucura.

O povo tem um instinto mysterioso, que não é facil contrariar, nem com a jactancia dos fracos, nem com a violencia dos fortes.

O povo também sabe ir buscar á França, como o Amigo do Povo, o exemplo e a lição que lhe convem. Olha as desgraças que a liberdade tem espalhado em toda aquella infeliz nação, e vê surgir ali um astro de esperança, que não é só para a França.

E também de lá que nós importamos para nosso uso os seguintes esplendidos versos do grande Victor Hugo:

«Nous voyions cependant, échappés aux naufrages,  
Briller l'arc du salut au milieu des orages,  
Le ciel ne s'armait plus de presages d'effroi;  
De l'heroïque mere exauçant l'esperance,  
Le Dieu qui fut enfant avant à notre France  
Donné l'enfant qui sera Roi.»

Permitta-nos o collega que, em liberdade, traduzamos para nós o pensamento do grande poeta:

Bem vemos, Deus o quer! Passada a tempestade  
Fulge a estrella d'esperança; e a nossa idade  
Contempla em si designios d'uma eterna lei;  
Da patria opprimida, a baquear nos abysmos,  
Deus, que é pae, dá força ás crengas, ao heroismo,  
E n'um filho nos dá um Rei!

## POIS JÁ ?!

Temos em nosso poder uma prova de que o governo tracta de estabelecer em Braga uma espionagem propriamente sua afim de observar os passos do partido legitimista.

Achamos este facto de tal modo ridiculo, que nos causa até nojo.

Pois o governo persuade-se de que se o partido legitimista tentasse pôr em pratica uma tentativa contra a ordem publica, teria algum valor a sua espionagem, ou o salvariam os seus esforços?

Pois o nosso partido seria tão nescio que se deixasse surprehender pelos olhos e pelos ouvidos de uns miseros, que o governo ali tivesse constantemente encostados á nossa porta?

Pois o governo cre que o partido legitimista sahiria do campo legal sem ter atraz de si a alta politica de outras nações garantindo-lhe os seus passos?

Esta gente é impagaval!!

Mal vê uma onda de fuma subindo no espaço, já cre observar os signaes de uma tempestade desenhados no azul do céu!

Tal é a consciencia dos seus crimes e da sua fraqueza, que tem medo de tudo!

Então nós já não somos os Sebastianistas, os lunaticos d'hontem?

Pois não se vigiam os republicanos e os socialistas, que são o grande partido das revoluções, e vigia-se o partido legitimista, que é um partido de velhos e de sonhadores?

Pois não se teme que o paiz vá parar ás mãos da republica, e receia-se que elle venha parar ás mãos dos legitimistas?

Dir-nos-hão que coherencia ha entre o desprezo com que dizem que nós os legitimistas tentamos e pretendemos o impossivel, e o afan com que nos vigiam com medo d'esse impossivel.

Ah! farças!

Até aqui o que nos diz respeito simplesmente a nós.

Agora cumpre-nos notar o que encontramos ainda de curioso em o governo estabelecer a sua policia propria n'esta cidade, onde existe um farrabraz como o sr. Jeronymo Pimentel, liberalão de occasião, e façanhudo perseguidor do legitimismo.

As precauções do sr. Fontes estabelecendo em Braga uma policia propriamente sua, importa uma desconfiança tamanha pelo sr. Pimentel, seu governador Civil, que não sabemos como se possa conciliar a situação da primeira auctoridade do Districto com o procedimento do primeiro ministro.

Desconfiará o sr. Fontes de que o sr. Governador Civil volte por qualquer conveniencia a ser miquelista? Receará o sr. Fontes de que os Manes do sr. Pimentel transforme a sua auctoridade em arma traiçoira contra o rei e contra as instituições?

Não sabemos. O que todavia podemos afirmar é que á face da dignidade e do brio em Braga, sobeja uma coisa que não pode aqui existir. Ou o sr. Jeronymo Pimentel, governador civil, ou a policia secreta do sr. Fontes.

Dando conta d'este facto positivo, affirmamos ao governo que não temos medo, nem nos molestam os seus maneios, por que se o governo, metendo os braços até aos hombros nos cofres publicos, pode pagar a uma policia que nos espione, nós, sem dispendermos coisa alguma temos uma policia que observa vigilante a policia do governo. E ha a nosso favor a circumstancia de que a nossa policia é mais dedicada, e mais discreta. No momento em que o governa dá o primeiro passo damos-lhe da nossa vigilancia a primeira prova.

Quos Deus vult perdere prius dementat, Sr. Fontes. Não cuide V. Exc.<sup>a</sup> que aqui se podem facilmente arranjar pavorosas.

Outros tempos, outros costumes.  
Nós conhecemo-nos muito bem.==

## O AMIGO DO POVO.

Metemos na prensa o segundo capitulo do artigo *Liberdade e miquelismo* do nosso collega do Amigo do Povo. Ha horas que apertamos a rosca, e ainda não vimos correr d'elle mais que duas gottas de virus rabioso.

O collega parece-lhe que seriamos partidarios do sr. D. Luiz se o augusto Chefe do Estado decretasse as ordens religiosas.

Apoz isto diz-nos em nome do Passado um discurso d'este illustre ancião, na qual nos afirma que não volverão mais o rabicho e os frades.

E para dizer isto, só isto, arranjou o collega uma laryngite!

Pois collega não carecia tal sacrificio. Nós não queremos o sr. D. Luiz nem rei pintado, apesar de o respeitarmos muito como excellente pessoa.

Em quanto a frades isso é outro caso. Em quanto admittirmos a liberdade de reunião e de associação, havemos ser de opinião que qualquer pode viver em communiidade, quando isso lhe dê na real gana. Quer? Nós temos o defeito de ser coheren-

tes com os principios que professamos. Não queremos leis elasticas, nem fogo de vistas nos nossos codigos.

Isso é bom lá para o collega, que quer uma Constituição que tem o art.º 6.º e mette a ridiculo, e fulmina, tudo quanto lhe cheira a incenso.

O collega parece viver na lua, onde não pode chegar a voz dos homens. Pois o collega não estará farto de saber que o passado morreu para todos. O collega é progressista, e não admite que se levante um partido que vem para caminhar nas conquistas do futuro? Que importa que n'este partido haja homens que pelo sangue estão ligados ás tradições d'hontem? Não estão estes homens nas mesmas condições do collega? Não veio o collega também dos homens de hontem? Acaso o Creator fez uma humanidade de proposito para dar vivas á Carta? Nasceu o collega como os cogumellos, á ventura, entre as cascas podres da arvore da liberdade? O collega dá largas ao seu estylo fantasioso, e construe um edificio sem alicerces, que se esborôa ao primeiro sopro. Pinta com tetricas tintas um quadro medonho, e treme de ante da sua obra, como o pintor enamorado da virgem que nascera das barbas do seu pin-cel.

O arrasado do Amigo do Povo é um verdadeiro sonho em noites de pesadelo. É tão estranho á verdade, tão extraordinariamente destituído de senso commum, de senso historico, de realidade actual, que não se bemos porque ponta pegar-lhe.

Tem o collega uma grande satisfação: é haver escripto um artigo que não tem resposta!

Damos um presente a quem for capaz de tomar a serio o que ali diz o collega, e urdir uma resposta ás imagens verdadeiramente satanicas do seu vulcanico artigo.

Senão, veja-se o ideal que o Amigo do Povo atribue ao partido legitimista:

«1.º Transformar o mundo n'um povo de penitentes e de monges.

2.º Fazer do supplicio um deus, do algóz o rei do mundo!»

Esta lembrança do Amigo do Povo faz-nos occorrer uma coisa muito séria; e é que o partido do Amigo do Povo pretende fazer em fatias o partido legitimista, besuntal-as com manteiga de padres, e apregoar á nação:—café e torradas!

Vade retro!

Um copo de agua fria para o Amigo do Povo!

Perdõe-nos collega: só em gracejo podemos tratá-lo assim. O seu segundo artigo não parece ser traçado pela mão que traçou o primeiro, ou pelo menos, mas fadas o bafejaram.

## RELIGIÃO

### A INSTRUÇÃO SEM DEUS

É dolorosissimo o ver como hoje muitos paes comprehendem a educação dos filhos! Onde se encontra um pae que se occupe da alma de seus filhos, actue de continuo sobre essa alma por meio da sua sollicitude, doutrinas e exemplos, e ambicione sobre tudo impregnal-a de fé e de christianismo, afim de a tornar o reflexo de Deus e de segurar-lhe a eternidade?

Out'ora era commum tal pae em todas as classes da sociedade, onde a religião o multiplicava; hoje seria falsidade e injustiça asseverarmos que não existe, porque ainda se encontra nas familias em que o materialismo não fez perder de vista o ceu, concentrando tudo na terra.

Porém o que em tempos melhores era commum, é hoje quasi excepcional. N'esta epocha de descrença, chamam-se bons paes os que apreciam e promovem os interesses materiaes da familia. Mas como o fazem? A maioria procura enriquecer-se e enriquecer os seus; o seu ardor ultrapassa até não raro os limites, salta por cima da consciencia e da probidade, e lança mão de todos os meios justos ou injustos para chegar aos seus fins.

Busca dar uma educação brilhante aos filhos, convimos; porém como entende esse brilhantismo? Mandando-lhes ensinar prendas, canto, musica, dança, linguas e sciencias; mas esquecendo a suprema de todas as sciencias, a sciencia da salvação; considerando tudo o mundo, e nada a eternidade.

E assim é que ou lhes não dá exemplos edificantes de religião e moralidade, ou lhes dá exemplos corruptores de incredulidade e

desmoralização. Conhecemos famílias onde não só se não praticam os preceitos da Igreja relativamente á missa, á confissão, á obediência, etc., mas nem sequer se ensinam ás crianças a mínima oração! Conhecemos outras onde em presença dos filhos de todas as edades se censuram e ridicularizam as pessoas crentes e piedosas, ensinando aquelles que a fé e a pratica da religião são fanatismo, superstição, jesuitismo, etc.!

E—tristissimo é dizel-o!—em muitas casas a mulher não se fica a traz do homem em perversão d'entendimento e de coração, se é que o não excede; a mulher, pertencente ao sexo piedoso por natureza; a mulher, que devera ser o anjo bom da familia, e que assim se converte no anjo das trevas; a mulher, que dispõe de tantos meios para fazer da familia um paraíso, e que d'est'arte a torna um inferno; a mulher, que devera envia-los todos os esforços para trazer o marido a bom caminho, quando anda d'elle arredado, e que em vez d'isso o acompanha e com a sua criminoso connivencia o impelle cada vez mais para o abysmo do mal!

Esses insensatos paes, devendo evitar a seus filhos as occasiões de perversão, pelo contrario consciente ou inconscientemente as procuram; sirva de exemplo o theatro, hoje mais que nunca escola de todas as podridões, e hoje mais que nunca frequentado por todas as condições sociaes.

Esses desatentados paes, devendo vigiar as leituras de seus filhos, parece que não tem a peito senão ministrar-lhes essa especie de alimento do espirito da natureza mais corrupta. Entram em suas casas, e lá encontrareis os periodicos mais infames, os romances mais pestilentos, as illustrações mais immoraes, os livros mais impios.

Nada deve distrahir os paes de seus filhos, nem os negocios, nem o mundo, nem a politica, nem ainda o atractivo do estudo e do recolhimento. E, todavia, grande numero de paes—e quantas mães!—descu-ram completamente a educação dos filhos entregando-se ás agitações da ambição, ás intrigas da politica, ás frivolidades da sociedade, e até á satisfação de appetites viciosos!

Muito precisam as crianças de bons exemplos, exemplos proporcionados á sua debilitade, que os não atemorizem, que desenvolvam successiva e gradualmente n'elles o homem interior, e que façam chegar pouco a pouco á plenitude do homem perfeito.

A muitos as paixões, o diabo, o mundo, as más companhias, e aventuras funestas afastam do lar paterno, e trazem perdidos nos tremedades do vicio. Cumpre então aos paes, na occasião opportuna, sem desespero, sem acrimonia, sem enfado, sem recriminações intempestivas, levar-lhes o alimento espirital, os soccorros da caridade, os affectos do amor paternal. Quantas vezes por esse modo lhes quebrarão as cadeias, lhes despertarão os corações, recobrarão os seus direitos, e a ternura d'esses filhos prodigos?

O mães, ó mães sobretudo, de vós depende em grandissima parte a regeneração d'esta sociedade que, assim, caminha para o esphacelo completo. Para isso, é só mister que cumpraes os vossos deveres e façaes valer os vossos direitos. A educação e a instrução, eis as malas reaes d'essa obra immensa de reconstrução social, em que vós, ó mães, tendes marcado um importantissimo papel.

Educae vossos filhos christamente, com a palavra e com o exemplo; depois, quando for mister dar-lhes instrução, procurae que se lhes ministre sa e piedosa. Não cureis só dos corpos de vossos filhos, de os alindar, de os adornar, de os desenvolver, de os tornar saudaveis e rebustos; tratae tambem e principalmente de formar-lhes as almas, tractae de defendel-as, porque as cercam numerosos, e infinitos perigos.

Ai! multissimos homens tem abandonado a igreja, onde só apparecem raras vezes para a profanarem; pois bem: se o lugar de vossos maridos ali está vazio, não o esteja o vosso. Ide lá haurir forças e alentos para bem desempenhardes as vossas obrigações de mães piedosas de mães christãs.

Defendei vossos filhos contra o ensino atheu, pois gerando-os e dando-os á luz na dor adquiristes o direito de defender o fructo das vossas entranhas. Defendei-os, se não quereis, conforme a expressão d'um illustre prelado, que venham a ser maus filhos, maus paes, maus esposos, jovens sem mórigerção, homens sem consciencia, velhos sem remorsos e moribundos sem esperança.

Defendei-os contra todos que os queiram perder,—se necessario for contra seu proprio pae, a quem talvez convertereis com

vosso heroico exemplo. Em todo o caso, tereis cumprido o vosso imperioso dever.

Opponde a esse desvairado pae as vossas lagrimas e as vossas supplicas; ellas devem exercer grande influencia no coração de vosso marido; mas, em caso negativo, não deixarão de a ter perante a justiça de Deus, se lhes juntardes as vossas orações e as de vossos filhos. O rei guerreiro S. Fernando dizia: «Temo mais a maldição d'uma só pobre mulher, que todo o exercito dos mouros.» Vede que poder tendes, e enchei-vos de invencivel confiança.

Que prodigios de valor não obrareis para defender vossos filhos contra quem lhes quizesse tirar a vida do corpo! Pois bem: quem pretenda ministrar-lhes instrução sem Deus, attenta-lhes contra a vida da alma. Vede com quanto maior denodo e heroismo deveis defendel-os!

A. Moreira Bello.

O BEM E O MAL

(Continuado no n.º 34)

III

O homem é um objecto de estudo menos complexo que a sociedade. Consideremos primeiro o homem. As suas diversas faculdades, a sua intelligencia, a sua aptidão para amar e gozar, a sua vontade, a sua organisação physica, são um todo composto do bem e mal.

Examinemos este todo. O homem nasce intelligente. O que é a intelligencia? É a faculdade de conhecer o que é, e de chegar por este meio á verdade que se define: o exacto conhecimento do que é. A intelligencia tende naturalmente para a verdade que é o seu fim, o seu bem.

Não se póde negar que a verdade não seja um bem para a intelligencia, ou, o que é o mesmo, para o homem que é um ser dotado de intelligencia. O que conhece melhor a verdade, o que conhece mais verdades que os seus semelhantes, possui este bem em maior grau, é mais rico pelo lado do espirito. E esta riqueza, esta potencia, esta luz, é um bem não só para o que a possui, mas tambem para aquelles com quem se partilha e deve partilhá-la.

Mas o homem é constituído de modo que, quanto mais conhece a verdade, tanto mais ancia pela conhecer melhor; de sorte que a intelligencia tem em si não só a faculdade de conseguir o bem, mas até o bem em maior grau, o progresso na verdade e por conseguinte na sciencia. Ella é pois perfectivel.

Ao exercicio da intelligencia anda ligado um prazer vivo. Como nós sentimos alegres quando entramos de posse de uma verdade nova! Como somos felizes! Archimedes descobre o principio de physica que tem o seu nome; sae do banho e corre despido pelas ruas de Syracusa, gritando num transporte de jubilo: Eureka! Eureka! Ora o prazer que proporciona o amor da sciencia, estimula a alma a indagar, investigar, aprender, isto é, augmentar o bem particular do espirito. As alegrias que dá a instrução, estão pois em harmonia com o bem, com o melhor estado pessoal do individuo. E como os conhecimentos se propagam, elles são um bem para todos aquelles a quem os sabios os communicão.

Mas se a intelligencia tem os seus bens, tem tambem os seus males; e estarão estes males em harmonia com o bem, o progresso? Vejamos.

Os males da intelligencia são: o trabalho intellectual, a ignorancia e o erro. O homem não se instrue sem esforço e este esforço é penoso. O conhecimento da verdade só lhe é concedido á custa de muitas lucubrações; e estas lucubrações são sempre fatigantes, principalmente para os principiantes. Desde o simples estudante que se cansa para decorar as suas lições até ao sabio que arruina a saude e arrisca a vida para fazer adiantar um passo ao conhecimento dos factos ou das leis que os governão, todos os que estudão estão sujeitos ao trabalho do espirito, que é sempre custoso.

Era possivel que um ser definito como é o homem, fosse isento d'esta dor? É justo dizer que Deus devia dispensar-l'ha? O que é absolutamente certo é que Deus é a bondade perfeita, e por tanto não poderia commetter uma inconveniencia. Se Elle nos sujeito ou submetteu ao sofrimento, é por que elle é necessario e entra na sua sabedoria. Este sofrimento é uma prova. Vejamos como d'ella saem aquelles que a

aceitão com coragem e submissão.

Todos sabem por experiencia que o trabalho só é penoso a principio. O exercicio e o habito tornão a applicação ao trabalho cada vez mais facil, e este habito transforma-se insensivelmente n'uma necessidade cuja satisfação nos causa um prazer vivo, puro sem remorsos. Os homens laboriosos são felizes porque trabalham, e esta felicidade é em si mesma um bem precioso. Além d'isso o homem activo recebe o fructo da sua actividade, e adquire o contentamento de ter engrandecido o seu ser moral com o desenvolvimento da sua intelligencia.

Pelo contrario, a ociosidade, doce a principio, torna-se em pouco tempo insipida, insupportavel. Os preguiçosos não sabem o que hão-de fazer dos seus dias vazios; preenchem-nos com acções más, gozos grosseiros e vis; corrompem-se e caem no aborrecimento de tudo e de todos. Tem-se visto homens que perderão o habito de trabalhar, chegar a um estado valetudinario, que lhes faz encarar a vida com horror, pedir cada dia á embriaguez o esquecimento de si proprios e acabar por fim no suicidio.

O trabalho é tão bom, tão são, tão fortificante, que o maior castigo que se póde infligir aos presos, é condemná-los a uma ociosidade forçada. Elles supplicão de joelhos que lhes dêem livros, ferramentas, uma tarefa qualquer. Com o trabalho regenerão-se e são mais felizes.

Assim, por qualquer lado que encaremos o trabalho intellectual, a dor ou sofrimento que elle traz consigo, varonilmente supportado, é uma prova providencial, que está acorde com o nosso bem, visto que o bem brota d'elle tão naturalmente como a agua brota da fonte.

Mas a ignorancia é uma desgraça e muitos homens fazem immersos nella. É um novo aspecto do problema.

Em quanto o ignorante não tem consciencia de que o é, a sua ignorancia não merece tal qualificação. O pastorinho que guarda carneiros e não pensa senão em descobrir ninhos e banhar-se no ribeiro proximo, não sofre pela sua ignorancia. Desde que sofre e é bom que assim seja—é por este mesmo soffrimento excitado a instruir-se. Se elle sofre verdadeiramente da fome de conhecer, quererá alimentar o espirito e instruir-se ainda á custa dos maiores sacrificios. De sorte que, neste caso, o bem está ao lado do mal. Objectar-se-ha que os meios de aprender raro estão ao seu alcance. Assim é infelizmente, mas o dever dos mais esclarecidos e ricos é ajudá-lo no seu justo empenho. Se elle deseja e quer sinceramente illustrar-se e não o pode conseguir, soffrendo com isso cruelmente, este soffrimento não é merecido, e mais adiante veremos que uma indemnisação divina é devida a todo aquelle que sofre innocentemente.

Quanto á ignorancia voluntaria, ou o que é o mesmo, a preguiça voluntaria, a cobardia voluntaria, ella traz consigo a sua punição: o ignorante que é cúmplice da sua ignorancia está sujeito a enganar, erros e humilhações que o advertem do dever de instruir-se. Estas advertencias nunca vêm tarde, principalmente em nossos dias. *Aprender até morrer*, diz o ditado. Cumpre a cada um attendê-las e aceita-las. Quem estudar e trabalhar chegará sempre a ser homem pelo juizo e sabedoria. A humanidade jazeria indefinidamente no maior abatimento intellectual, se não fossem estes acicates salutarres, que a Providencia aferrou aos ilhaes entorpecidos da ignorancia.

Entretanto, a despeito de todo o progresso da arte de estudar e aprender, o homem, mesmo o homem, de genio, está sujeito ao erro. Ora o erro não é somente uma falta de riqueza intellectual; não é só, como se diz, um resultado da falta de saber; é um mal real; e quando o erro é consideravel, quando concerne a coisas importantes, é um flagello. Como sustentar que este flagello está em harmonia com o bem e o progresso?

Vêl-o-hemos no artigo seguinte.

A. Semblano.

CORRESPONDENCIA

Villa Verde, 16 de Outubro de 1882

(Do nosso correspondente)

Villa Verde,—a propria cidade dos Martellos,—está dando echo na hora presente, pelo ribombo dos foguetorios de dynamite, e pelo ribombo, ainda mais retum-

bante, dos zabumbas das philarmonicas, para anunciar a todo o concelho a chegada ali do sr. deputado do circulo, e do sr. governador civil do districto.

É isto o que me annunciou uma cotovia dos montes, de calcanhar gretado, que vem de vender legumes para as cavalgadas de Villa Verde, e que lá vai seguindo costa acima, toda ancha da novidade.

E novidade é, com effeito, que de surpresa me apanhou a mim a noticia, e a muitos outros, que não lograram convite official para assoalhar as rabichas, e para tirar o pó ás legendarias catholas do anno dos francezes.

A minha, pelo menos,—e sem offensa das dignos vereadores da Excelsa,—data d'aquelles ominosos tempos do vandalismo, e toda se alegraria com duas resteads d'esolte querido sol das resteads; mas a infeliz não o pilha hoje porque tudo se apostou em favor do bolor que a cerca, e dos ratinhos que tem dentro d'ella a sua pro-genitura.

Estava já para sacudir de dentro a minha da, ainda nua de pélo, e para lhe tirar o diadema de bolor, quando me chega a Zefa, com a burrinha pelo cabresto, que foi apanhada na tosquia do arnal da bouca, mas desferrada dos dois pés, e d'umad das mãos!

Oh tristesa! Oh dor!

Vêr assim o meu rheumatismo apado, e não ter a dita d'ir conhecer de vista o nosso deputado, hade ser talo que nunca mais me sabirá d'aqui, do gorgomilo teo. Já da outra vez, quando s. exc.ª veio fazer a sua apresentação á tal cidade dos Martellos, soffri eu outra decepção, que não sei de vergonha como a conte.

Ja em todo emproado na bucefala, e já perto do ruge-ruge da festa official, quando um laponio que passa, estaca ao vêr-me, e diz-me todo embasbacado:

—Vomecê, insdas que eu seja confiado, vai a Villa Verde ás festas dos governos? Vou, sim;—respondi-lhe eu todo enfatuado com a minha roupa de vêr a Deos, que elle remirava com a mais escrupulosa minudencia.

—E as luvas?!—pergunta elle no mais subido assombro.

—As luvas?!—torno-lhe eu, não menos assombrado pelo reparo do aldeão.

—Sim sr. as luvas;—repete elle, n'um tom convincente e admoestativo—Pois não sabe que hoje todo o bicho careta hade apparecer com luvas, e cõr de flor d'alecrim por signal?—Ora essa!—fez elle n'um trajetar d'hombros de quem me não ligava nenhuma importancia—Pelo que vejo boncê nem é regidor, nem mestre escola,—continou elle no mesmo tom desdenhoso;—pois q'até o doutor do Augoeiro, e o João do Fofinho ninguem hoje os conhecia pelas mãos,—terminou elle rindo-se e virando-me as costas para seguir seu caminho.

Fiquei no sitio como petrificado, por muito tempo, até que me resolvi virar para casa os queixos da burra e não passar pelo desgosto de me vêr irrisoriamente apontado como lapús sem luvas, no meio de todos os outros lapúzes que soube, ao certo, haviam simulado os calos das mãos com finas peles de cabrito, pintadas de cõr flor d'alecrim.

Poder do luxo!

Hoje então, esta que só pelos mafarricos! O anno passado não vejo o homem por não ter luvas, hoje por a burra não ter sapatos! Valha-me Deus!

Se ao menos prevêo este desastre, e mando pedir ao amigo Pimentel da camara os sapatinhos d'elle, que hoje por certo dispensava, e que hão de servir á burrinha como feitos para ella, estava tudo salvo, e eu com este papo cheio de musica, cheio d'alegrias, e cheio de novidades para contar, e para encher esta. Assim, nem sei que lhes diga mais. Isto foi por força bruxaria!

Era tam boa occasião d'ir examinar pelos proprios olhos as portadas do decantado casarão, que me disseram estarem tolhidadas!... Assim, não garanto a noticia que, a ser verdadeira, vai afinar o fadinho das derramas por outro tom, que já não serve para viola de cego.

Bom será que não seja isso verdade, que desconceituaria o afamado mestre Antone Ze, e o home do chalet, por não terem mão nem pé, para tomar as medidas ás tres portadas tolhidadas.

Com effeito não admirava que o Faria pequeno, sendo outr'ora o inspector das obras do casarão, não tivesse visto que estava a cahir toda aquella trapalhada; elle que nunca lá ia acima, nem para lá po-

dia olhar cá por coisas etal da espinha dorsal...

Mas, emfim, substituído aquelle engenheiro por outro engenheiro mais bem enghado, qual o do Pimentel afamado, é galho do duro fado, que fique tudo estragado!

Ora ate que!... A minha Zefa chegou correndo, a anunciar-me que os fogueiros e o tum-tum não tinham sido em Villa Verde, nem á chegada dos governos; mas sim á chegada do filho do tio Manoel da Cancellia, que vem do Brazil rico como um porco. Tudo isto serão noticias menos verdadeiras; mas o que parece certo é que a chegada dos homens grados e graudos da situação foi á sardina, a assim com aquelle ar de festa lugrube como o cumprimento a um crêdor, quando nos entra em casa.

Será que a authoridade do districto leve o seu criterio a olhar com olhos serios aquelle casarão, erguido para ruina de todas as casas do concelho?

Attentará s. ex.ª naquellas mobílias, e perguntará, finalmente, ao snr. Pimentel, porque fórma de concurso estão ellas ali, que nunca ninguem vio um annuncio, que chamasse os artistas mais modicos, e que as fizessem por mais baixo preço, sobre a base d'uma licitação?

A isto responderia o snr. Pimentel. —Eu recebi uma carta de fulano, por mão do marceneiro sicrano, que tambem trouxe outra para beltrano; e então, vistas as ditas cartas, que nos impunham o tal marceneiro... foi para elle o dinheiro.

E estava dita a verdade, se elle a soubesse dizer.

Mas esta surdina terá por causa immediata que o sr. governador civil, munido d'um desinfectante, se arroje a penetrar na lobrega enxovia, conhecida outr'ora pela escola do conde de Ferreira, e hoje pela possiga de nem sei que diga, e veja tudo aquillo transformado em theatro de varias variedades?

Na frente, na sala da escola, a —*Companhia Dramatica Lisbonense*—, que se tivesse a ousadia d'ir a Suajo seria corrida á pedra; e nas traseiras outra companhia, de diferente especie d'arlequins, tolerados em pavao decente, pela policia; mas em bairro proprio, e onde a moral publica soffra o menos possivel, —e que dá ali os seus espectaculos para gáso da propria auctoridade local!... Oh cidade dos martellos! Que não tenhas tu um martellão, que martelle sempre, com todo o peso, nestes penedos brutos e brutaes, que não ha peste que os leve, nem raio que os parta!...

Y.

Do sr. Bernabé Fulgencio, illustre caudilho da liberdade recebemos a carta que em seguida publicamos; e com quanto não concordemos em muitas das razões apresentadas pelo signatario, nem por isso deixamos de lhe dar publicidade, visto que neste jornal tem lugar todas as opiniões sinceras como a de s. s.ª

Sr. redactor.

Fui um dos bravos que ao lado do immortal dador da Carta, fiz toda a campanha da liberdade desde que desembarquei nas praias do Mindello, até que na celebre batalha d'Assiceira fui gravemente ferido n'um tornozello que me obrigou a ir com baixa ao hospital, onde o proprio Imperador me poz ao peito a medalha da Torre Espada.

Em seguida fui tambem condecorado com outra medalha em forma de pataco carimbado, onde se lê o algarismo n.º 3 e a designação de—campanha da liberdade.

Mais tarde intentei uma nova campanha contra as secretarias do Terreiro do Paço, que não foi menos trabalhosa nem menos gloriosa, por que depois de cinco annos de luta consegui ser despachado Guarda Barreira, logar que tenho sempre exercido a contento dos meus chefes com summa intelligencia e grande perspicacia.

Já vê v. illustre redactor que sou um bravo dos 7:500 e que não fui dos que menos trabalhei para implantar neste sollo abençoado a frondosissima arvore da liberdade a cuja sombra eu e os meus companheiros temos comido o caroço, porque os saborosos fructos, esses tem pertencido aos que n'aquella campanha brilharam pela sua ausencia!

Ora francamente! não foi para isto que eu trabalhei, que eu passei os horrores de uma guerra afadigada e tormentosa, que levei com a bucha no tornozello derramando meu sangue precioso e do melhor.

Tenho porém soffrido pacientemente todos estes desacatos á liberdade, que eu tão corajosamente ajudei a implantar para no fim de cincoenta annos ver outra vez levantar cabeça o partido que derrotei nos campos de batalha e isto devido á culposa negligencia dos governos, que tem ditado as leis ao nosso paiz.

Pois snrs.; como se explica que estejam ainda usufruindo os melhores empregos deste reino e seus dominios, os legitimistas que ainda não abjuraram dos seus principios e que agora mais do que nunca se mostram cheios de esperanza e firmemente crentes de que está proximo o advento do seu idolo?! Como é que se tem permitido um tal escandalo?! Por que não tem á mais tempo a imprensa liberal levantado a sua voz pedindo o aniquillamento d'estes pobres diabos que não esquecem facilmente que os libertamos de um jugo pesado e odioso, para lhe darmos em troca os casamentos e enterros civis, a propaganda protestantes da religião e seus ministros, as penitenciarias, as salamancadas os impostos de rendimento, do sal e da luz e emfim tudo quanto é capaz de conceber um cerebro liberal? Não sabem esses desgraçados que este paiz é nosso pelo direito sacratissimo de conquista? Que elles só tem o direito de trabalhar e nós de gosar? de papar e nós de receber? Pois para que viemos nós aqui? Um bom liberal não deve consentir n'isto por mais tempo e bem haja a imprensa seria e illustrada como o *Constituinte* e ultimamente o *Amigo do Povo* que se levantaram nobremente pedindo que os legitimistas sejam *aniquillados* e expulsos dos cargos publicos que exercem tão largamente retribuidos.

Isto sim; isto é que é a pura doutrina liberal; estas são as bellezas do systema que felizmente nos reja, levado á sua mais completa perfeição.

Diz bem o nosso *amigo*; é aniquilal-os; é dar-lhe como quem dá em centeio verde.

O tal *amigo* é que disse a verdade. Pois não descobriu que os progressistas tiveram o arrojo de offerecer tres logares na Camara Municipal a tres legitimistas façanhudos? Vejam que escandalo. E depois quixão-se!! Andou muito bem o *Amigo do Povo* em fazer esta peregrina descoberta: mas não disse ainda tudo; saiba que o actual Governador Civil o snr. Jeronymo Pimentel, tem feito letra grauda n'este sentido, rodeando-se d'esta gente, dando-lhe certos e bons logares, convidando-os para conselheiros de districto, camaristas, administradores de concelho e até para regedores de parochia!...

Ora isto prova simplesmente, ou que s. ex.ª quer dar cabo da instituições, e isto se explica pela sua procedencia legitimista, ou não tem no partido liberal pessoas dignas de exercerem estes logares.

Em todo o caso é s. ex.ª tambem réu deste crime e não se esqueça o *Amigo do Povo* de lhe cascar para baixo, fazendo bem publico nas suas columnas estes desacatos á liberdade.

Deste modo, a continuarem as cousas nestes termos, vejo-me obrigado a acreditar que quem conspira não são os legitimistas, mas as proprias auctoridades que nos vexam.

Pois é lá possivel que em pleno reinado da carta estejam occupando logares no senado bracarense e nos altos cargos das regedorias, homens que embora dignos e honrados, pertencem ao partido que tem por lemma de sua bandeira—Deus Patria e Rei? ... Não pode ser! Fóra com elles.

Queremos para nós o exclusivo das postas e estas que sejam das mais rendosas.

Uno pois o meu brado, o brado de um liberal sincero, de um funcionario do estado, á voz do *Amigo do Povo* e do *Constituinte* pedindo como estes dous florões do liberalismo, que não descancem, que não trepidem, que contínuem comigo a proclamar a união de toda a familia liberal para d'este modo *aniquilarmos* os legitimistas e

Visto agora já termos do novo, á vante meu povo.  
E' dar-lhe p'rá frente.

Bernabé Fulgencio.

## NOTICIARIO

Um correspondente da moda.—O *Amigo do Povo*, tem em Evora um correspondente ás direitas; apoia a doutrina dos fusilamentos ao miguelismo adoptado pelo *amigo*, e em tom de zabumba do *Tézo*, ex-

clama: os que prestaram *serviços á patria, a sucia dos 7:500, os feridos e mutilados nos campos de batalha pelo amor á liberdade, estão a ver navios, etc, etc.*

Oh!—que admiravel cerebro!—Não sabe o menino que os lugares dos altos e baixos funcionarios estão occupados por *miguelistas* transfugas, e por outros que nasceram á poucos dias e que só se *importam da liberdade mindelira* para receber os proventos e nada mais? Não sabe que os veteranos da *liberdade*, andam por ahí a pedir esmolas, e, a tal estado chegaram, que o Snr. D. Luiz lhes dá uma prestação para tabaco e matar o bicho!

Não sabe que ha familias de *liberaes de fresca data*, que tem toda a parentella empregada, isto é, pae, filhos, irmãos, sobrinhos, netos, criados, amas e parteiras, enquanto os veteranos da *liberdade*, andam fazendo recados pelas repartições e mendigando pelas portas?!?! Quem sabe se o celebre chronista é *algum* dos incluídos no primeiro numero?

Não sabe.... Ora lerias mancebo.

Que vandalismo.—Na freguezia de Vallarinho dos Freires, Pezo da Regoa, foram insultados, apupados e injuriados os sabios e virtuosos missionarios que ali foram para exercer a sua missão divina a pedido do Revd.º parcho encommendado, insultos os mais atrevidos, e só proprios de um povo selvagem!

O presidente da junta de parochia capitaniava a malta dos assalariados.

Que vergonha! que escandalo!. A maldição do céu cabirá sobre aquellos malvados que insultaram os ministros do Senhor e se negaram a ouvir a sua palavra. São estes os fructos da liberdade *mindelira*, que é remontarmos outra vez ao paganismo! A raça de viboras até quando?!...

A impiedade em acção.—Estes dias em um restaurant proximo da estação do caminho de ferro, praticou-se a acção mais impia e revoltante que um ser humano pôde praticar—pertencendo ao gremio catholico.

Segundo nos informam, um militar de certa gradação e professor em um dos collegios d'esta cidade, com outros *taineiros*, entrando n'este numero um sacerdote, da *moda*, isto é *liberal*, depois do estomago bem cheio, e a *afinação* ter chegado ao som de *lá*, e no meio de um palavriado obsceno e desbragado, mergulharam em uma tigella de caldo a imagem de um Santo Christo!!

Isto é incrível!—Vejam a illustração do nosso exercito e do nosso clero, com officias e padres d'esta ordem.

Fallecimento.—Sepultou-se na 4.ª feira uma filhinha do nosso presado *amigo* o Snr. José Maria da Silva, honrado e intelligente contraste da prata.

Os nossos sentimentos, ao bondoso pae.

Outro.—Tambem se finou uma thia do Snr. Lomar, negociante de modas, na rua do Souto. Sentimos.

Recebemos.—O 2.º tomo da importante obra religiosa—*Meditações para todos os dias do anno*—por M. Hamon, traduzida do francez pelo ex.º Francisco Luiz de Seabra, parcho de Cacia.

Agradecemos ao snr. Ernesto Chardon, editor muito conhecido na cidade do Porto, tão valiosa offerta.

A illustração.—Recebemos 1.º n.º deste bello jornal das familias, que se publica em Lisboa. sob a direcção do ex.º snr. Fialho d'Almeida, intelligencia muito conhecida.

Agradecemos a troca.

Novo Mensageiro do Coração de Jesus.—Recebemos o n.º 20, cujo sumario é o seguinte:

Intenção geral do mez de novembro de 1882.

Consagração das familias ao Santissimo Coração de Jesus.

Culto Catholico.

A proposito do assassinio de um padre. Junto do mar.

Signaes precusores da catastrophe.

Requerimento pedindo á auctoridade competente sejam cohibidos os insultadores de ecclesiasticos.

Boletim do Apostolado.

O Circulo d'Alcobaça.

Carta 12.ª a um velho portuguez na Asia.

Revista dos interesses do Coração de Jesus.

Assim paga a Revolução a quem serve.

Meias palavras a proposito do espiritismo.

## ANNUNCIOS

### Arrematação

Pelas 10 horas da manhã do dia 12 do proximo mez de Novembro, no tribunal judicial, d'esta cidade e comarca de Braga, sito no largo de Santo Agostinho, tem de andar em praça e ser arrematada pelo maior lance que offerecido fór acima da sua louvação a propriedade seguinte: Uma morada de dois andares, designadas pelo numero vinte e quatro sita na rua de Santa Margarida, d'esta cidade, de natureza de praso foreiras ao Peixoto de Brim, a quem se paga o foro annual de dusesentos reis; foi louvada e entra em praça com abatimento do dito foro na liquida quantia de sete centos noventa e seis mil reis, cuja propriedade foi penhorada para pagamento de execução por decimas á F. N. Antonio José Pereira, da dita rua, na respectiva execução que lhe move a mesma F. Nacional. Pelo presente tambem são citados todos os credores e pessoas incertas que se julguem com alguém direito á propriedade a arrematar, para que fiquem scientes do dia, hora e local da praça, assistirem a ella e uzarem, querendo dos seus direitos, sob as penas da lei.

Braga 23 d'Outubro de 1882.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

Adriano Carneiro de Sampaio.

O Escrivão do 4.º officio

José Clodomiro Telles da Silva Menezes.

(82)

### CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DA IMMACULADA CONCEIÇÃO DO MONTE SAMEIRO

A Meza d'esta Confraria convida por este meio, a todos os irmãos da mesma Confraria a concorrerem a uma assembléa, que se effectuará na sala da Meza de Nossa Senhora do Carmo, obtida por favor, pelas 10 horas da manhã de domingo (29 do corrente), afim de se tratar da approvação da edificação d'um novo templo, cujas plantas, baixa e alta, se acharão alli patentes.

Braga, 20 de outubro de 1882.

O SECRETARIO  
Joaquim Leal

(81)

## ATENÇÃO

NARCISO RAMOS DE BARROS PEREIRA

RUA DE S. VICENTE N.º 67, BRAGA

Recebeu directamente do Rio Grande do Sul, uma grande porção de carne secca de superior qualidade, a qual vende por 360 reis o killo; assim como herva Matte que vende por igual preço e farinha Saruy.

(80)

## BAPTISADOS

Na confeitaria Bracarense, rua de S. João, nos baixos da casa do Passadiço, tomam-se encommendas de doce, fiambre, queijo, vinhos finos e excellente vinho verde para meza: esta casa encarrega-se de fornecer todo o serviço de mesa e creados tudo com acceo e limpeza.

## Alfaiate

Joaquim Maria da Silva, mudou da Rua da Sé, para a de Jano n.º 16 e espera a concorrencia dos seus amigos e freguezes. Trabalha pelos ultimos figurinos.